Anno 2.° Guimarães, 29 de Dezembro de 1904 Numero 57

Preço da assignatura

Anno . . . . . 1$300 rs.
Semestre . . . . . 650 „
Numero avulso . . . . . 30 „

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de **A Restauração.**

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha . . . . . 20 „
No corpo do jornal . . . . . 100 „

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel
José Maria Nunes Guimarães

Incoherencias

Os sentimentos religiosos e a piedade acrisolada do povo português manifestaram-se brilhantemente, neste anno jubilar da Virgem, por meio de grandiosas festas e imponentes peregrinações.

E' um facto incontroverso, que ficará a assignalar uma data gratamente memoravel, nos annaes da nossa patria.

Louvamos e applaudimos tudo que se fez, porque essas solemnissimas manifestações de fé, de devoção e de amor dissiparam muitos preconceitos, estimularam muitas energias e illuminaram o caminho tenebroso de muitos espiritos transviados.

Pois bem: todas essas vozes que acclamaram a Virgem em fremitos de enthusiasmo, clero, nobreza e povo, todas as classes e condições que se confundiram e congregaram no mesmo pensamento, offerecendo ao mundo inteiro um espectaculo edificantissimo e emocionante; serám capazes de, consequentes com os principios religiosos que nos dirigem, sacrificar o seu commodismo facil ou as suas paixões facciosamente politicas?

Não o cremos: é verdade que ha muita gente naturalmente bôa e dotada de bellos sentimentos religiosos, sempre prompta a cooperar nas empresas e obras mais santas; no entanto, quando se lhe falla em politica, ou tem um ar de desdem ou de indifferença, não lhe ligando a menor importancia; ou julga-se em plena liberdade de se alistar e trabalhar no partido que mais lhe agrada ou que maiores vantagens e interesses lhe offerece.

E' esta errada comprehensão dum dever imperioso—como é o de seguir uma politica superiormente orientada pelos principios religiosos e pelas indicações da Igreja—que infelizmente nos faz ver tantas incoherencias lamentaveis, até da parte do clero.

Entendem ou fingem entender que não ha obrigação impreterivel e indeclinavel de aggremiar as fôrças catholicas e conservadoras do pais, para pugnar pelo lemma bemdito «*Deus e Patria*»; e o resultado é — uns cruzarem os braços na inacção, outros bandearem-se com os proprios inimigos da sua crença.

Rezam, assistem á missa, confessam-se, etc.. e ha no pais um unico partido—o nacionalista—,cujo programma e doutrina que propaga e defende, mereceram uma formal approvação e bênção de S. Santidade Pio X, e o clero e os catholicos, em geral, que tudo isto sabem e conhecem, votam esse partido ao ostracismo e continuam escravizados aos partidos e á politica e aos chefes que têm levado o pais ao cairel do abysmo e a Igreja á afflictissima situação em que se encontra.

Incoherentes ou inconscientes: a segunda parte da disjunctiva é inadmissivel, porque já devem estar desvanecidas todas as illusões pelos processos evidentes dos nossos adversarios e pela triste e deploravel experiencia de todos os dias; logo sam incoherentes, sem ter justificação plausivel.

Como muito bem diz a última carta enviada pela commissão do centro nacional de Lisbôa a todos os centros, exhortando-os a activarem os seus trabalhos, olhemos para a desventurada França, onde se está desenvolvendo um estendal de miserias, vilezas e iniquidades, que deslustram as tradições dum pais civilizado e fazem sangrar de dôr o coração amargurado da Igreja.

Os catholicos francêses não pódem eximir-se da enorme responsabilidade que indirectamente sobre elles pesa, porque abandonaram o campo politico e eleitoral, deixando imperar a maçonaria.

Cá em Portugal tudo se nos vai preparando para num futuro, mais ou menos proximo, succeder exactamente o mesmo.

Estamos aïnda a tempo de evitar as últimas consequencias dos nossos erros e de reparar muitos desastres já causados.

Resolvam-se os catholicos de todos os partidos a ser coherentes e o triumpho será nosso e não da maçonaria.

Alvo.

"Os homens, quando vos ham mister, sois seu; quando os haveis mister, sois vosso.„

Padre A. Vieira.

Eleições

Numa nação, onde o systema de governo é representativo, os primeiros deveres politicos dos cidadãos resumem-se no voto eleitoral. Todos os cidadãos têm o direito e o dever de se interessar pelo bem público: e pelo voto eleitoral é que principalmente se exerce aquelle direito e se cumpre este dever.

Nem todos os cidadãos podem legislar ou ter em suas mãos as redeas do governo geral: mas todos podem e devem cooperar para que os legisladores e governantes sejam homens competentes, probos, morigerados, zelosos do bem público, emfim honestos e habeis, quanto seja possivel, para o bom e fiel desempenho da alta missão que lhes encarregam: e, como para todo o povo que tem religião, esta sobreleva sem comparação às necessidades materiaes, pede a ordem das coisas que a primeira condição que o cidadão deve requerer no seu representante seja a segurança de que ha de preferir, na administração e defesa dos interesses públicos, os da religião aos da vida material. E' evidente que aliás, isto é, não se animando elle das mesmas ideias e propositos, não se inspirando nos mesmos sentimentos e interesses do seu eleitor, não seria propriamente o representante deste. E tam infiel e traidor seria o eleito, mallogrando a bôa fé e confiança do eleitor, não advogando opportunamente os seus interesses, como imprudente e insensato o eleitor que depositasse a sua confiança e entregasse os seus mais caros interesses nas mãos dum homem, cujas ideias e qualidades o não abonassem devidamente.

Da bôa ou má escolha dos representantes da nação é que depende todo o bem ou todo o mal na administração pública. Homens de rectas ideias, honestos sentimentos e sãos principios não consentirám jàmais na feitura de leis egoïstas, injustas, contrárias ao bem público. Mas que ha de esperar-se dos que tiverem as qualidades oppostas àquellas?

Pelo que toca ao poder executivo, não é menor a influência que nelle têm os votos dos cidadãos: à uma, porque, constitucionalmente, elle deve ser escolhido em harmonia com a corrente de ideias e sentimentos predominantes na representação nacional; à outra, porque, embora accidentalmente assim não acontecesse, sempre tinha de cumprir as leis elaboradas na mesma representação nacional, dando a esta contas dos seus actos.

Por aqui é facil de ver que o govêrno do povo está nas mãos do mesmo povo; e que, fallando em rigor, póde muito bem algum cidadão queixar-se das leis ou do govêrno, mas nunca a nação ou a sua maioria póde razoavelmente formular semelhante queixa. De si mesma é que a nação se deve queixar, quando é mal governada.

Destes principios, evidentes e palpaveis, é facillimo inferir a importancia do voto eleitoral e as responsabilidades de consciencia, em que incorre aquelle que o dá a um indigno, ou se abstem de o dar a ninguem, quando é preciso dá-lo.

Aquelle cidadão que dá o seu voto a um indigno, isto é, a um homem que não offerece as necessarias seguranças de que ha he advogar zelosa e habilmente os legitimos interesses religiosos e sociaes do povo, torna-se cooperador criminoso da criminosa inutilidade de semelhante deputado, ou—o que é bem mais grave—dos males que elle fôr fazer ou ajudar a fazer no desempenho da missão que lhe confiam. E, se estes males sam ou podem ser grandes, que o diga o estado miseravel em que nos encontramos, em virtude das pessimas leis e pessimos governos que temos tido.

Aquelle porém que, para se furtar a trabalhos e encommodos, nega o seu voto nas eleições, quando ha adversarios das bôas ideias e bons principios que a ellas concorrem, coopera negativa, mas efficazmente, para a eleição dos maus, e, portanto, é egualmente responsavel pelos males que elles fizerem. Isto, alem do mau exemplo, com que outros se auctorizarám para fazer o mesmo, robustecendo ou deixando pelo menos o campo livre aos inimigos do bem, e do desalento em que porventura virám a caïr os mais denodados campeões da bôa causa, por se verem sempre desamparados na lucta e frustrados em seus generosos esforços. E sam de tal natureza estes males, que a sua reparação é quasi sempre impossivel.

Bem sabemos que a maior parte da gente está habituada a formar a sua consciencia para estas coisas da politica por uns principios inteiramente differentes daquelles por que se norteia noutras coisas. Homens, que poriam grande escrupulo em se apossar de dez reis alheios, e antes quereriam que os matassem do que lhes chamassem inimigos da religião ou traidores, vam altivamente elevar ás assembleias legislativas e constituïr no governo da nação sujeitos, que ham de roubar à mesma nação milhares e milhares de contos e fazer as leis mais contrárias à religião e às legitimas regalias e liberdades dos cidadãos. O adagio popular diz que «tam ladrão é o que rouba, como o que consente», e a coisa aqui não se limita a simplez consentimento.

E é raro o cidadão que faça disto caso de consciencia! Convidamos estes irreflectidos, não a que se guiem pela nossa auctoridade, mas a que pensem a frio e sèriamente no assumpto e vejam se o modo como neste ponto usam de formar a sua consciencia poderá ser validado no tribunal da razão e sobretudo approvado no inappellavel tribunal de Deus, perante quem todos havemos de comparecer; convidamolos, dizemos, a que reflictam bem no caso, e procedam, em todas as eleições, e nomiadamente nas que tam proximas estám, como a consciencia lhes ditar.

E' esta a propaganda politica e eleitoral que faz o partido nacionalista: empenhado ardentemente no bem público, contenta-se com que os cidadãos obedeçam à sua consciencia.

"Aos que nada têm, tenta-os o diado com o pão; aos que nada lhe basta, tenta-os com tudo.„

Padre A. Vieira.

NOTAS

Condecoração ironica

Segundo disseram as gazetas, o snr. D. Carlos, por occasião da sua recente visita a Paris, condecorou o snr. Combes, presidente do ministerio francês, com a gran-cruz da Conceição.

Tudo o mundo sabe que o renegado apostata é o mais cruel e infame perseguidor que desde muito o catholicismo tem tido em todo o mundo. Prohibiu o ensino christão, expulsou barbaramente as congregações religiosas, apoderou-se iniquamente dos seus bens; tem perseguido os padres e os bispos, roubando-lhes a congrua sustentação; cortou as relações da França com a Santa Sé, enchendo vilmente de amarguras o coração do Summo Pontifice; tem vexado injustamente a imprensa catholica e proscripto os cidadãos que professam ou lhe parecem mais suspeitos de professar o catholicismo; mandou apear as cruzes dos edificios publicos, nomiadamente dos tribunaes, etc., etc., etc. Numa palavra, tem revelado em tudo o mais completo, mais encarniçado, mais diabolico ódio a tudo quanto é ou parece catholico.

Agora porém recebeu mais uma gran-cruz, e por signal que foi a da Conceição, precisamente quando toda a Igreja catholica celebrava o cincoentenario da definição dogmatica daquelle augusto privilégio de Maria. Quem visse o renegado com a nova condecoração, havia de dizer que tambem elle se associava assim aos enthusiasmos catholicos em honra de Maria.

E' evidente que o nosso intelligente monarcha só ironicamente é que podia offerecer ao miseravel perseguidor da *cruz* e da augusta religião de que ella é symbolo, uma gran-*cruz* duma ordem em que se honra a religião por elle perseguida. O que é monstruoso é que o escravo da maçonaria acceitasse, fingindo-se honrado com isso, uma condecoração que lhe devia escaldar o peito, como viva condemnação dos seus infamissimos flagicios, principalmente sendo-lhe offerecida por um soberano duma nação catholica, do qual, portanto, os sentimentos catholicos até se devem suppôr *a priori*.

Assim, como a cega vaidade do snr. Combes lhe não deixou perceber a ironia, frustraram-se os intuitos com que só podia ser feito o offerecimento, e ficou em realidade, pela desvergonha do ministro francês, bem deslocada a gran-cruz da Conceição.

Jurisprudencia de lobo

A coisa refere-se aos commissarios regios e a outros pacificos lambazes, que foram arredados da cubiçada mesa. Mas não vá ninguem cuidar que vimos a estas horas dar a noticia de que o governo, feitas as excepções que bem lhe pareceram, decretou as alludidas providências. Nem tampouco é proposito nosso discutir se aquellas excepções na hecatombe não bastavam a fundamentar as picantes censuras feitas pela imprensa regeneradora.

Só pretendemos consignar aqui, agora que a tempestade passou, a impressão que no ánimo nos deixaram as orações funebres feitas pelos periodicos hintzaceos á memória dos saüdosos desmammados. Notamos que o principal argumento invocado para condemnar as crueis medidas de ablactação era, dita a coisa em português, deixarem os mofinos proscriptos e suas familias de receber os respectivos vencimentos. Duma gazeta nos lembramos que descrevia com pathetica côres, de alta inspiração rhetorica, as scenas que era possivel

passarem-se no seio das familias feridas do raio ministerial.

Bem espremidas as choradeiras, a substancia é esta: «Para se crear ou conservar um officio público (ou sinecura a que se dá tal nome). por mais largamente retribuïdo que seja, não se pergunta se elle é necessario ou pelo menos util á nação que o paga; mas basta saber se aquelles que o usufruem ou pretendem usufruïr precisam de mais um subsidio para calar a fome ou regalar a vida.»

Este criterio politico trouxe-nos á memoria a resposta com que o lobo se justificava de devorar a ovelha, que nenhum mal lhe tinha feito. No nosso caso, a ovelha, já quasi de todo estrangulada, é a pobre nação; o lobo, que a devora, é a tropa dos commissarios regios e quejandos, cuja causa agora é advogada pelo partido regenerador.

"Que lei o rigor te ordena
"A que eu motivo não dei?„
E elle soffrego responde:
"Tenho fome; a fome é lei.„

Maiorias parlamentares

Referem as gazetas que o governo já dissolveu o parlamento. Coisa prevista e mil vezes annunciada, nada tem que admirar.

Mas por que motivo o dissolveu elle? E' egualmente óbvia a resposta: é porque precisa de ter maioria na camara, sob pena de não poder fazer coisa alguma.

Mas o pais, que aïnda ha tam poucos mêses elegeu os seus representantes, já mudaria tam radicalmente de opiniões, que vá retirar a sua confiança aos que constituïu seus representantes, para a dar aos que delles sam adversarios? Por certo que não.

Todavia as coisas passar-se-ham, como se assim fosse: o governo actual vai ter uma esmagadora maioria. Sabe-se até com muita antecipação o número e os nomes dos deputados que a nação vai eleger.

A razão é simplez: não ha nada mais falso do que a farça a que em politica se dá o nome de eleições. E comtudo fingem todos tomá-la a serio e vam-na repetindo, como se ella fosse, segundo devia ser, a base do systema politico que nos governa..., mais do que uma vez por anno.

Eleições, ou sérias ou nenhumas.

"Assim como a pedra de toque prova o ouro e a prata, assim o ouro e a prata sam a pedra de toque com que se provam os homens.„

Padre A. Vieira.

Carta do Porto

Agora que o anno jubilar da Immaculada Conceição já terminou, deixando cheio de saudades o coração de todos os fervorosos devotos de Maria, que ansiosos pelo esplendor de suas glórias desejavam se perpetuassem em expansões de fé seus decantados triumphos, julgamos vir muito a proposito respigar alguns factos que se deram no campo de seus inimigos. Os inimigos de Deus e da luz, que o mesmo é que dizer-se os franco-mações, têm no frontispicio do seu programma estas palavras que o encerram a todo: «guerra a Deus, combate aos seus adoradores». E, como todo o combatente redobra de esforços quando vê em acção o campo adverso, assim em frente do movimento cordato e consequente dos catholicos, que applaudiam a maior de suas protectoras, Maria Santissima, assim se manifestou dum modo mais singular o atheismo em todo o mundo, revestindo tambem a sua fórma particular o português. Não fomos nós os catholicos colhidos de surpresa, e assim podemos registar com fé, commoção e verdade um triumpho para a Protectora de Portugal, como nenhuma outra nação da terra o póde fazer com egual justiça.

Sam eloquentes já os factos passados quer num quer no outro campo. Dos catholicos temos felizmente conhecimento, se não justamente o real, por impossivel de descrever-se, pelo menos o bastante para fazer-se um juïzo seguro do que foi e felizmente aïnda é a fé do povo português. Do theoreaccionario vamos, para elucidação de todos, fazer uma breve revista, que, desde já o affirmamos, mais uma vez provará que Maria não só esmagou o dragão infernal no primeiro momento da sua Conceição Immaculada, mas que continúa sendo a forte torre de David, que anniquila todas as heresias e todos os inimigos de Deus. Por occasião dessa festa inegualavel em que Braga revindicou para Portugal o privilégio inequivoco de nação mais protegida da Virgem, o *Correio Nacional* de Lisbôa publicou um número unico, cujo merecimento por grande de mais me dispensa aqui todo o elogio de que é merecedor, em que um dos seus melhores collaboradores, «Ildebrando», soltava este grito semelhante ao da aguia que de longe conhece o mau tempo: «Entre nós, a todas as manifes«tações de fé religiosa costumam «succeder, com maior ou menor «intervallo, demonstrações hostis «ao catholicismo ou ás pessôas e «instituïções que o representam «com mais evidencia. Não preten«demos perturbar a ruïdosa alegria «da hora presente, vindo agourar «coisas tristes, mas talvez não seja «mau propheta quem se preoccu«par um pouco com as nuvens car«regadas que se avolumam no ho«rizonte, como que a annunciar, «se não uma tempestade desenca«deada, ao menos uma proxima luc«ta de elementos que actualmente «só na apparencia é que vivem em «harmonia.» O vaticinio é completo e os factos pouco tardaram em fazer cumprir a prophecia.

No dia 12 de junho foi a grande peregrinação ao Sameiro, e no dia 23 do mesmo mês já a maçonaria do Porto, á frente de todos os liberaes, queria offerecer ao mundo o espectaculo duma ruïdosa victória. Guerra Junqueiro *irradiava* então em Paris, não o seu talento poetico, mas sim os seus ensaios philosophicos ácerca do universo e sua constituïção. Como o poeta-philosopho fazia a parte duma divindade nova, para quem aïnda a não conhecia, porque era pantheista, acharam nelle os liberaes-mações um bom idolo para opporem á mais formosa, mais santa—quasi divina—das creaturas. Conscios do seu dever, obedecendo aos instinctos perversos duma natureza pervertida, formaram então entre si uma commissão que promovesse uma recepção grandiosa ao poeta *divino*.

A imprensa diaria, com excepção unica de *A Palavra*, toda tomou a serio o convite, que não duvidou estampar em suas columnas. Os mais calculistas não ousaram fazer-lhe o confronto religioso, mas os mais ousados e talvez mais nescios, por se convencerem do seu prematuro triumpho, alardearam ufanamente a contraposição de ideias e manifestações ás do Sameiro. Quem lêra os seus jornaes de vespera não acreditaria no ridiculo que os esperava na tarde do dia 23, quando a policia, sem attender ao número ridiculamente pequeno dos deïficadores do poeta, a golpes do sabre os fez entrar na ordem e contemplação de melhores ideias. A lição foi immensamente maior do que se esperava, e o final desse incidente, fazendo passar por todas as phases do ridiculo a imprensa e despronunciando todos aquelles que os jacobinos queriam martyrizar, não parece um triumpho de fôrças humanas, senão divinas.

Em proporções menores, por menor ser a terra, teve o mesmo fim e os mesmos ridiculos a manifestação jacobina na Covilhã. O afamado prègador das lojas maçonicas, o lamentavelmente arrojado Heliodoro Salgado, foi o eleito de seus irmãos em crenças para parodiar, naquella religiosa cidade da Beira, a religião santa de Deus, fazendo uma especie de triduo de conferencias contra a Igreja, como esta costuma fazê-las antes das grandes solemnidades contra o êrro e a perversão.

Mas Deus, que não queria alegrar os inimigos jurados de sua santa Mãe, manda-lhes um governo militar, que com uma só ordem pôs em fuga o apostolo do êrro e da mentira. Lisbôa julga-se mais forte para combater a Deus, por ser maior ahi a corrupção e assentar em melhores alicerces a irreligião. Ao ideal consagrado na Virgem querem oppor o do despotismo realizado pelo Marquês de Pombal. A ideia dum monumento que attráia á sua presença muitos peregrinos dos mesmos sentimentos é lançada em público e disputada a sua superioridade. Mas Lisbôa não era toda um antro maçonico e dentro de suas muralhas estava o *Correio Nacional*, que, obedecendo ao cumprimento do seu dever, como que inspiradamente, em meia duzia de artigos magistralmente escriptos esfarrapa o idolo e põi a toda a luz a perversão da ideia.

Mas a maldade não acha limites, é devoradora e insubordinada. As lições do passado só lhe servem de incitamento ao mal e ei-la voltada para outro Deus. Aveiro deu á luz José Estevão de Magalhães, e este não tem a empanná-lo a ferocidade de Pombal. Despeitada pelo insuccesso dos acontecimentos, a maçonaria sái das trevas e proclama a toda a luz o seu nome e a sua doutrina. Convida para o dia 14 de agosto todos os seus sequazes, a que venham claramente fazer uma profissão pública da sua fé e do seu credo. O jornal do Porto, *O Norte*, no dia 16 enumera trinta e tantas lojas que ali se fazem representar. E no meio de tanta grandeza, como póde imaginar-se, a lição é aïnda mais surprehendente do que qualquer outra. *A Voz Publica* diz que no cortejo tomaram parte «cerca de mil pessôas»!

Eiz como a Virgem triumphou de seus encarniçados inimigos, pondo-os a toda a luz e fazendo-os passar por todas as amarguras do ridiculo.

R. L.

"Muitos, depois de vencerem os vicios, se deixam vencer miseravelmente da mesma glória de os ter vencido.„

Padre A. Vieira.

As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos

(Singelo commentario)

Antes do assumpto

A que vem um novo commentario das Bem-aventuranças evangelicas? Não têm ellas sido mil vezes commentadas por pennas eloquentes e habeis?

Longe de nós a intenção de egualar ou fazer esquêcer tantos illustres escriptores. O nosso fim é mais simplez e modesto: tentamos colher aïnda algumas espigas no campo tam fecundo do Evangelho e formar dellas um feixezinho, que offerecemos aos simplez fieis e a todas as almas piedosas.

Parece-nos em verdade que o Evangelho é descurado demais. Não falta quem leia de bôa mente livrinhos de piedade, cuja doutrina será talvez muito linda, mas afinal não é a do Mestre: ha sempre nelles alguma liga humana, em que o ouro algumas vezes fica escondido, quando é necessario que seja bem escolhido e apartado.

E no Evangelho, que admiraveis páginas não sam as que encerram as Bem-aventuranças evangelicas! Onde se poderám encontrar mais importantes páginas para ler e meditar, se ellas contêm a solução do problema capital, do problema da felicidade neste mundo e no outro? Pois o certo é que a prática das virtudes ensinadas pelo Divino Mestre nos faz felizes aïnda nesta vida.

Hoje em dia principalmente, quando todos procuram a fortuna e os prazeres ruidosos, quando ninguem se contenta com uma situação modesta, quando o pobre se vê tentado a amaldiçoar a sua sorte, não será util repetir as palavras evangelicas: «Bem-aventurados os pobres; bem-aventurados os que choram»?

Queira Deus que este pequeno trabalho vá ter a mão dos pobres, dos infelizes e dos que soffrem, tam numerosos no mundo, apesar dos progressos da sciencia e dos beneficios da civilização moderna. Queira Deus que elle lhes leve alguma consolação e derrame um pouco de balsamo em suas dores!

Eiz toda a ambição do seu modesto auctor e será tambem toda sua recompensa.

I

Definição das Bem-aventuranças

Que se entende por Bem-aventuranças?

Designam-se por esta palavra certas condições da vida e disposições da alma, de que nenhum caso se fazia antes do Evangelho. Chamam-se Bem-aventuranças, porque dam direito á felicidade do reino fundado por Jesus-Christo.

O christão, que a ellas vai buscar a inspiração da sua vida, póde contar, aïnda na terra, com a amizade do Salvador e com as mais abundantes graças, ignoradas ou mal conhecidas no mundo: as virtudes encerradas nas Bem-aventuranças caracterizam a vida christã. Todavia não sam as unicas notas distinctivas della, porque a sequencia do sermão do monte nos mostra muitas outras.

Porque é que Jesus-Christo daria ás Bem-aventuranças o primeiro logar nos seus ensinamentos? E' facil comprehendê-lo.

Era preciso sobretudo destruïr as falsas maximas do mundo a respeito da felicidade. «Felizes os ricos, os poderosos, os fortes; felizes os que se regozijam levando uma vida isenta de dores e inquietações»: tal é a linguagem do mundo. Escutai agora o que diz Jesus-Christo: «Bem-aventurados os pobres! Bem-aventurados os que choram e soffrem perseguição por amor da justiça!»

Perguntareis talvez por que é que o Divino Mestre avulta tanto a consideração da felicidade. No principio do sermão do monte, que é a grande synthese de toda sua doutrina moral, por que é que elle não appella antes para os motivos superiores do dever e do amor?

Responder-vos-hei que, sendo a felicidade o fim do homem, tem por esta razão titulos muito especiaes para se tornar o motor principal da nossa vida. Bem sei que este é um motivo interesseiro e que certos philosophos julgam que só os motivos desinteressados é que podem dar a nossos actos valor moral intrinseco. A isto respondo que taes philosophos não conhecem a fundo a natureza humana, cuja actividade moral, para ser continuamente despertada, necessita de motivos interesseiros: porque o amor de nós mesmos é inherente á nossa natureza e tam indestructivel como o amor da justiça e do dever.

Sem dúvida que a felicidade é o fim do homem neste sentido: que nos intuitos do Creador o homem é destinado a ser feliz. Mas a lei suprema da existencia é a virtude, a perfeição moral, e não a felicidade. Ninguem é obrigado a ser feliz, mas todos sam obrigados a ser moralmente bons. A felicidade não é mais que uma consequencia, um resultado, que seguirá infallivelmente a prática do dever e da virtude.

Por que é pois que Jesus-Christo faz valer junto de seus discipulos, não os motivos mais elevados, mas um motivo pessoal, o desejo de ser feliz? E' porque, na pessôa delles, se dirigia a toda a humanidade; é porque conhecia admiravelmente a natureza humana, o de que ella é capaz e o de que é incapaz.

Ora o homem póde muito bem guiar-se algumas vezes em seus actos por motivos desinteressados; mas não o faz sempre e constantemente, porque tem necessariamente amor de si mesmo, que necessariamente tambem o leva a obrar em seu interesse pessoal.

A verdadeira sabedoria consiste pois em não desprezar o ponto do interesse pessoal, porque póde ser necessario recorrer a elle para amparo da vida moral, não fazendo delle todavia mais do que um estimulante secundario, de que devemos procurar libertar-nos o mais possivel para nos elevarmos acima de nós mesmos.

Não receemos aliás abater a dignidade humana por esta liga de motivos interesseiros e desinteressados no cumprimento do dever e na prática da virtude. O divino Mestre, no sermão do monte, quer purificar os primeiros, fazendo-os servir ao triumpho da virtude.

A perspectiva pois das recompensas e dos castigos tem seu logar e sua missão na vida christã. A moral evangelica das Bem-aventuranças não recebe daqui imperfeição alguma, como pretendem certos philosophos: aos motivos de ordem inferior virám sempre ajuntar-se motivos mais dignos, como o sentimento do dever, o respeito e o amor.

A moral philosophica de certos pensadores seria impraticavel e inaccessivel ao commum da humanidade. Ora o Evangelho não se dirige, em seus ensinamentos, a uma casta privilegiada, aos grandes da terra, ás summidades da sciencia; mas ao povo, aos operarios, a todos.

E depois a recompensa promettida aos christãos é uma felicidade inteiramente espiritual, é a resposta dada aos nossos instinctos mais puros e mais elevados. Que alegria mais bella do que a de ver a Deus e saciar eternamente nelle a nossa sêde de amor e justiça!

Taes relações com Deus nos constituem numa esphera bem superior á só satisfação do nosso interesse pessoal.

A moral christã pois, longe de abater o homem, antes o eleva até Deus.

(Continúa).

"Quereis levar após vós as inclinações de todos? Não vos inclineis a nenhuma das partes."

Padre A. Vieira.

SCIENCIA PRATICA

Meio para impedir o leite de se alterar

Não é raro o inconveniente de se alterar o leite. E' facillimo porém impedir semelhante accidente. Eiz-aqui a receita: ajunta-se ao leite um gramma de bicarbonato de soda por cada litro.

Querem mais simplez e economico? E é processo absolutamente inoffensivo. Quem quer portanto o póde empregar para seu uso pessoal doméstico. «Pessoal ou doméstico» notem bem: porque para a venda já o caso é outro; expõi o beneficiador aos rigores policiaes. E' que as leis não prevêem tudo.

"Catão não tinha estátua no Capitolio; e os estranjeiros, que vinham a Roma, perguntavam pela estátua de Catão. Esta pergunta era a maior estátua de todas."

Padre A. Vieira.

Anecdotas historicas

LXV

Medicina. O célebre médico Dumoulin, estando na agonia e vendo-se rodeado de varios medicos de Paris, que deploravam a perda do seu collega moribundo, congregou as suas fôrças e disse-lhes: «Senhores, deixo no mundo tres grandes medicos.» Instado por elles para os nomiar, pois cada qual esperava ser um dos tres, respondeu: «*A agua, o exercicio e o bom regime alimentar.*»

Um rei da Persia enviou ao califa Mustapha um médico mui famoso, que, logo ao chegar, perguntou como se vivia naquella côrte. Responderam-lhe: «*Não se come senão quando ha necessidade, e nunca a fome se sacia de todo.* —«Vou-me embora, disse elle; não tenho aqui que fazer.»

"Tudo o que entra pelo ouvido faz echo no coração; e, conforme está disposto o coração, assim se formam os echos."

Padre A. Vieira.

CURIOSIDADES

Cabelleira.—Em Petersburg (Indiana) um velho de 85 annos, conhecido pelo nome de Tio Button Smith, que ha cincoenta annos não cortara o cabello nem fizera a barba, confiou ha mêses a sua cabeça ao melhor barbeiro da terra e dahi saïu rejuvenecido uns vinte annos e de tal modo desconhecido, que a mulher se recusou a deixá-lo entrar em casa. Tio Button teve de parlamentear um bom pedaço com a sua metade antes que ella se decidisse a reconhecer o seu amo. E porque é que Tio Button deixara crescer durante cincoenta annos os cabellos e a barba? Por aposta, que afinal venceu.

Uma armadilha para pardaes.—E' original. Um cultivador de algodão teve a ideia de apanhar os pardaes, que lhe roubavam as plantações, da maneira seguinte: tomou queijo, metteu-o em aguardente açucarada e espalhou-o entre os renques dos arbustos. Os pardaes não se fizeram rogar para se vir banquetear, fariscando um excellente manjar. Tudo correu bem durante quinze ou vinte minutos, mas para logo os nossos passaros tomaram uns modos tam singulares que verdadeiramente era um dos espectaculos mais curiosos. Os pardaes arrastavam-se pelo chão, tremelicavam para aqui e para ali, caïam de costas, ficando de pernas para o ar e dando pios quérulos. Mas os seus gemidos não duraram muito tempo. Vieram rapazes, apanharam os pequenos borrachos e metteram-nos em saccos. Os sobreviventes parecem considerar a plantação como um païs enguiçado, porque é rarissimo que agora se aventurem a entrar nella.

"O que não é nobre, póde ser valoroso; o nobre tem obrigação de o ser."

Padre A. Vieira.

EM GUIMARÃES

Preços dos cereaes

No mercado do último sabbado os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Centeio	750
Milho alvo	900
Milho branco	760
Milho amarello	720
Feijão branco	1$400
Feijão vermelho	1$200
Feijão amarello	800
Feijão canario	900
Feijão fradinho	700

Notícias várias

—Na passada segunda-feira houve na freguesia de S. Mamede de Aldão uma festa em honra de Nossa Senhora.

—Falleceu hontem no hospital de S. Francisco o snr. Antonio da Silva Pinheiro, servo da igreja do seminario, e que já o fôra da mesma igreja no tempo das religiosas de Santa Clara. Deus tenha em bom logar a alma do honrado velho.

—Foi nomiado professor effectivo da cadeira de desenho na Escola Industrial desta cidade o snr. Abel Cardoso, distincto artista, a quem felicitamos.

—Foi remettido para as cadeias da relação do Porto o snr. José da Silva Oliveira, ultimamente condemnado como auctor do assassinato do snr. Francisco Agra.

"As faixas da infancia sam a nossa primeira mortalha."

Padre A. Vieira.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

O Progresso Catholico, n.º 24 do anno XXVI. E' exclusivamente consagrado à commemoração jubilar da definição dogmatica da Immaculada Conceição. Brilhantemente illustrado, distinctamente collaborado, maravilhosamente impresso em duas côres, em tudo primoroso, é um número que, patenteando as ideias religiosas e sentimentos devotos de quem promoveu a sua publicação, acredita sobremodo as officinas typographicas do snr. José Fructuoso da Fonseca, em que foi elaborado. E' uma das mais distinctas publicações que em Portugal saïram a lume para commemorar o jubileu da Immaculada Conceição.

—**A Guarda**, n.º 15 do anno I, correspondente a 15 de dezembro corrente. Este numero é na maior parte dedicado ás festas da Virgem Immaculada. A bella photogravura representa a Immaculada Conceição de Murillo. O summario é o seguinte: A Immaculada, A Immaculada Conceição na Guarda, Educação e instrucção, A roseira, Noticiario.

—Numeros especiaes, consagrados à Immaculada Conceição, de *A Nação*, *Correio Nacional*, *Revista Catholica*, *Folha*, *Echos do Vez*, *A Cruz*, *Voz da Verdade*, *União Nacional*, etc., etc. Em todos elles se revelam talentos litterarios e artisticos, mais ou menos distinctos, dedicadamente postos ao serviço da religião e do amor à gloriosa Mãe de Deus.

—**Curso de Economia Social**, 4.ª e 5.ª cadernetas. Não cessaremos de exaltar esta obra excellente, que está destinada a servir triumphantemente a causa da Igreja na solução do magno problema social que presentemente assoberba a humanidade.

Nestas cadernetas vê-se a proficiencia com que o eminente jesuita, Padre Antoine, discorre sobre os males da sociedade e remedios que devem ser-lhe applicados; e no estudo scientifico que apresenta, sempre claro, methodico e da maxima correcção, dá-nos conta das tres escolas que tomaram o encargo de resolver a momentosa questão operária, patenteando-nos os perigosos absurdos das escolas *liberal* e *socialista*, e as normas, principios e doutrinas com que a escola catholica (unica verdadeira) se propõi debellar tam grande mal.

A quinta caderneta, a que nos referimos, termina com as Encyclicas de Leão XIII que mais se prendem ao assumpto, e com as Instrucções de Pio X sobre a democracia christã, as quaes o traductor se lembrou de accrescentar-lhe em fórma de appendice, visto serem as primeiras a miúdo citadas pelo auctor, e as segundas terem estreita relação com o tratado, podendo considerar-se umas e outras como a fonte e inspiração das doutrinas expostas no *Curso de Economia Social*.

Os pedidos devem ser dirigidos à Emprêsa da *Revista Catholica*, Vizeu.

"O primeiro argumento de ter o juïzo são é saber um homem viver só comsigo."

Padre A. Vieira.

LITTERATURA

O Natal dos pobrezinhos

Tempo chuvoso e frio; no lar pouca lenha, pouco lume; lá fóra risos e folgares, porque os ricos têm ampla fogueira que lhes dá luz e calor.

—Ouves, mãe? Que musica bonita!

—Sam os Anjos, filha.

—Onde, mãe?

—No ceu.

—Mas eu ouço musica na terra.

—Na terra e no ceu hoje todos cantam.

—Por quê?

—Não sabes? Nasceu o Deus Menino.

—O Natal? E não temos consoada?!

—Consoada?... se apenas temos o magro caldo... Somos pobrinhas e...

—E os pobrezinhos não consôam?

—Com os Anjos.

—Como?

—Cantando elles lá no ceu; cantemos nós cá na terra.

E á tétrica luz da lareira começaram ellas cantando:

Mimosa flôr,
Que hoje nasceste,
Donde vieste,
Divino Amor?
Trazes condão
Da Salvação?

—Venho do seio
Do Creador;
Ser Redemptor
E' meu enleio;
Trago-te a luz
Na minha cruz.

—No frio gêlo
A tiritar
E a chorar!
E' triste vê-lo,
O Deus Menino
Tam pequenino!...

Tam pequenino
E' já soffrer!...
E assim viver
Quem é Divino!
—Pois seja assim,
Para a cruz eu vim.

—Assim quisessem
Todos cantar,
Pois ham de achar
Eterna luz
Na cruz
De Jesus.

Delfim Maria.

UM PAE CHRISTÃO

(SCENA DOMESTICA)

O tio Lopes levantava-se diariamente ao romper da madrugada. Era como a cotovia do pamposto.

Vestia-se com a maxima cautella, para não accordar a filhinha innocente, ajoelhava cheio de uncção ante a imagem de Nossa Senhora, gravada num papel e pregada num dos pannos da parede do pequeno aposento, e ali se demorava encommendando a sua alma e a de sua filha, supplicando à Virgem Mãe vida para poder guiá-la até à edade do entendimento, agradecendo ao Senhor os beneficios que lhe dispensava e dedicando-lhe todas as acções daquelle dia.

Acompanhava-lhe o cicío dos labios a respiração suave da creança, que sorria de quando em quando, talvez que a sonhar com os anjos.

Tanto que era terminada a devoção matinal, o tio Lopes ia certificar-se de que Maria dormia, aconchegava-lhe a roupa, unia-lha bem ao franzino corpo, como para a resguardar do frio, e saïa pé ante pé, cauteloso, descendo à officina, onde o esperavam a bigorna e o martello.

Accendia a forja e o pequeno fogão que tinha ao lado, e emquanto este ia aviando a refeição do almôsso, parca e modesta como era proprio dos seus rendimentos, ia aquella pondo em braza a barra de ferro que o martello tinha de affeiçoar e transformar.

De quando em quando parava, ia ao fundo da escada applicar o ouvido a ver se Maria teria accordado, e voltava para a sua lida, contente do trabalho, confiado em Deus e trasbordando de esperanças.

Maria dormia ainda um largo somno, o somno socegado da innocencia, e accordava quasi sempre a chamar pelo pae, cheia de medo por se ver sòzinha no meio da escuridão do limitado quarto.

O tio Lopes largava então tudo, e elle ahi ia apressado, galgando aos pares os degraus da escada, nuns anseios que só o amor paternal póde comprehender, gritando com dulcissima meiguice:

—Aqui vou, filha; aqui vou já.

Chegava, acercava-se do singelo leito, onde Maria o esperava de braços abertos; debruçava-se com uma delicadeza que era de pasmar naquelle homem do campo, mas que o seu immenso amor justificava; e começava a cobrir de ruidosos beijos a cara mimosa e expressiva da filha, exclamando com accentos de ternura:

—Isso é que foi uma somneca, heim?... Sua preguiçosa!... Não tem vergonha de se levantar tam tarde? "E—zaz!—os beijos ferviam, as festas não tinham fim, e os sorrisos trahiam-lhe a íntima ventura.

Saciado de dispensar à filha os carinhos que ella merecia, pegava na roupa e punha-se a vestí-la ao mesmo tempo que a ia fazendo recitar, na sua angelica e infantil voz, o *Padre Nosso*, a *Ave Maria* e o *Gloria Patri*, depois de primeiro a ter feito persignar, ajudando-a, pegando-lhe na pequenina mão com a sua, muito callosa, muito grande e muito ennegrecida pelo carvão da forja.

Era um quadro digno de ver-se e muito para ser reproduzido pelo pincel dum habil artista aquelle em que a velhice se alliava com a infancia pelas santas prisões do sangue, pela ineffavel attenção que prende paes e filhos, quando filhos e paes merecem estes dulcissimos nomes.

Depois de ter vestido a filha e de a ter ensinado a rezar, pegava nella ao collo, virava-lhe a face mais proxima e dizia-lhe ebrio de amor:

—Ora vá, dê um beijo a seu pae!... Ande, para irmos ao almôsso, que já está quentinho.

Maria obedecia contente, e o velho descia à loja, que ficava aberta, sem receio de mal intencionadas invasões, collocava a pequena sobre uma mesa de pinho que tinha a um canto, ia ao fogão buscar o café que já fervia, abria a gaveta onde estava a tigella commum e o açucar amarello, punha tudo deante da creança e dizia-lhe em seguida:

—Agora vou buscar o molete para as sopas.

E partia a correr à tenda fronteira a comprar um pão, emquanto a rapariguinha ficava muito quieta a olhar para os aprestos da refeição, que era sempre cheia de magnificos episodios, e em que o velho deixava de ser pae e velho para ser creança com a sua filha adoradissima.

Por fim perguntava sempre:

—Tens vontadinha de mais, filha?

A pequenita fazia um gesto negativo.

—Bem: vamos então dar graças ao Pae do ceu, para que àmanhã nos dê o mesmo.

Maria ajoelhava então em cima da mesa, o tio Lopes punha-se ao lado della, e ambos, de mãos postas, faziam novas orações.

O velho era ao mesmo tempo pae e mãe da sua filhinha, mas sobretudo um fervoroso crente da religião do Martyr do Calvario.

Alfredo Campos.

A CARIDADE

(I ad Cor., c. XIII)

Louva a mentira o malvado.
Mas eu, com elle encontrado,
Simplezmente amo a verdade:
Cheio de fogo divino
Eu consagro este meu hymno
Á celeste caridade.

Embora angelicas vozes,
Embora humanas, ferozes,
Eu tenha, sem caridade
O meu triumpho equivale
Ao estampido do timbale,
Que se esvái na immensidade.

De que serve profundar
E os mysterios decifrar,
Ter o dom da prophecia?
Tal sciencia, sem amor,
E' semelhante ao vapor,
Que dissipa a ventania.

De que me serve fé ter,
Milagres grandes fazer
E montanhas transportar?
Se caridade não tenho,
E' baldado o meu empenho,
Não posso no ceu entrar.

Sim, meu Deus, se o que eu possúo
Aos pobres eu distribúo,
Sem p'ra mim nada deixar,
Se meu corpo às chammas dér,
Mas amor não tiver,
Nada posso aproveitar.

Celeste filha do ceu,
Caridade, encanto meu,
De virtudes és cercada!
Acompanha-te a doçura,
A paciencia, a ternura,
A paz da alma desejada.

Qual aurora, que brilhando,
Atra noite dissipando,
O mundo todo illumina,
Tu arrojas dos humanos
A inveja, os vicios insanos,
Que o egoïsmo origina.

E's isenta de ambição;
Simplez, pura por condão,
Odeias a tyrannia.
Nada póde irada sanha
Contra abnegação tamanha,
Que no esmolar se extasia.

Do homem fraco os peccados,
Com 'sforços inusitados,
Velar tentas, quando os vês.
Nada falta à tua glória:
Tudo levas á victória,
Tudo esperas, soffres, crês!

Mais depressa a sapiencia,
O milagre, a presciencia,
Tudo, tudo acabará:
Mas a santa caridade,
Que emana da Divindade,
Sempre, sempre existirá.

Nossa vista cobrem veus:
Só quando entrarmos nos ceus,
Será rasgá-los possivel!
Como agora nos vê Deus,
Então veremos nos ceus
Esse sol inaccessivel.

O caritativo amor
E' o mais brilhante primor
Da christã religião.
A fé é o seu fundamento,
E' esp'rança apoio e sustento,
Caridade e perfeição.

Soeiro de Brito.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, *S. J.*

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica„

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fôsse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umas eram nimiamente resumidas, e isto o maximo número, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessôas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzí-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sòmente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessôas illustradas, seja qual fôr a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis,** pagos no acto da entrega.

Todas as pessôas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Emprêsa da *Revista Catholica* — Vizeu.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR **José Candido Gomes**

ESTA interessante publicação que está sahindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma emprêsa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heralddicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2$000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encommendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PRECOS CONVIDATIVOS.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho.*

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguêsas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da edade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional„

Com auctorização do Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar —Porto.